

O Script EUA-Israel: Dividir a Síria para dividir o resto

By [Mahdi Darius Nazemroaya](#)

Global Research, August 15, 2012

Un Novo Despertar

O que está acontecendo na Síria é um sinal das coisas que virão para a região. A mudança de regime não é o único objetivo dos EUA e seus aliados na Síria. Dividindo a República Árabe Síria é o objetivo final de Washington, na Síria.

Maplecroft da Grã-Bretanha, que é especializada em consultoria em risco estratégico, disse que nós estamos testemunhando a balcanização do Estado sírio: “curdos no norte, drusos nas montanhas do sul, alawitas na região noroeste do litoral montanhoso e a maioria sunita em outro lugar.”

Nós já estamos ouvindo pessoas como o conselheiro da Casa Branca, Vali Nasr falando sobre tudo isso. As clivagens étnicas e religiosas na Síria não são demarcadas em termos puramente geográficos e o processo de balcanização poderia jogar como um processo libanização, o que significa que a Síria será dividido ao longo de violentos falhas sectárias e enfrentar um impasse político como o Líbano durante a guerra civil sem formalmente quebrá-lo. Libanização, uma forma branda de balcanização, já aconteceu no Iraque sob o federalismo.

Os eventos no Oriente Médio e Norte da África estão vendo a animação dos movimentos de massa contra os tiranos locais, como no Bahrein, Jordânia, Marrocos e Arábia Saudita, mas há também um script vicioso do Plano de Israel Yinon e suas ramificações. O Plano Yinon e esquemas semelhantes quer uma guerra Shitte-sunita artificial entre os muçulmanos como a peça central das divisões sectárias - ou Fitna em árabe - que incluem, entre cristãos e muçulmanos, árabes e berberes, árabes e iranianos, árabes e turcos, e da animosidade Turco-iraniana.

O que este processo pretende fazer é criar o ódio sectário, divisões étnicas, racismo e guerras religiosas. Todos os países que os EUA e seus aliados estão desestabilizando têm linhas divisórias naturais, e quando há animosidade tribal, étnico, confessional e religiosa é incendiado em um país, ela irá transbordar para outros países. Os problemas na Líbia têm derramado ao Níger e o Chade e os problemas na Síria estão transbordando para a Turquia e Líbano.

Egito é o local de correntes revolucionárias e contra-revolucionárias que têm mantido a maior potência árabe ocupada com a sua atenção na política interna. Enquanto o Egito está enfrentando turbulência doméstica, os EUA estão tentando jogar os militares do país e a Irmandade Muçulmana um contra o outro. Antes dos levantes o Sudão foi formalmente balcanizado por Tel Aviv e Washington através da manipulações da política de identidade, o que levou à secessão do Sul do Sudão.

Líbia foi neutralizada e dividida por vários grupos. Lebonization, como mencionado anteriormente, também tem raízes no Iraque como o Governo Regional do Curdistão (KRG), com apoio estrangeiro - especificamente o apoio externo dos EUA, Europa Ocidental, Israel e Turquia - começa a agir mais e mais como se no norte do Iraque ou Curdistão iraquiano é

um país separado do resto do Iraque.

Dore Gold, presidente do Centro de Jerusalém para Assuntos Públicos e um conselheiro para primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu, vale a pena citar para seus pontos de vista: “O que você tem na Síria é que o Oriente Médio está desmoronando, uma nova forma de caos está substituindo o que já existia. “Este curso é parte da ilusão dos decisores políticos israelenses que têm interesse em ver isso. Originalmente, a posição de Tel Aviv foi ignorada quando a crise começou na Síria, mas está claro agora que Israel tem interesse em ver a Síria fragmentado em pedaços e em um estado de guerra civil contínua. Isto é o que o Plano Yinon e seus sucessores, descrito como sendo os objetivos estratégicos de Israel na Síria e Líbano.

O nacionalismo curdo

Síria, como o Iraque, podem ser vistos como um ponto de pressão chave no Oriente Médio. Desordem em ambos irão criar uma crise regional. Como as coisas esquentam na Síria, o frágil Iraque também está começando a pulsar como um regional sismo vulcânico geo-político.

Para aqueles que têm dúvidas de que os EUA estão atizando as chamas de um fogo para criar uma crise terrível no Oriente Médio ou que os eventos na Síria estão começando a ter ramificações regionais, que apenas precisem olhar para a região do Curdistão. Os combatentes curdos nacionalistas começaram a se mobilizar na Síria e na Turquia e soldados turcos foram atacados por eles. O Governo Regional do Curdistão (KRG) começou a tomar medidas importantes que significam a sua independência do Iraque.

No Iraque, o KRG é essencialmente um estado de facto com o seu próprio parlamento, bandeira, exército, regime de vistos, as forças armadas, polícia, e as leis. Em violação das leis nacionais do Iraque, o KRG fez até armas ilegais e acordos de petróleo por conta própria com os governos e entidades estrangeiras, mesmo sem tanto como notificar o governo em Bagdá. Além disso, o KRG tem impedido até mesmo as tropas iraquianas de ir para o nordeste na fronteira com o Iraque com a Síria para assegurar que o contrabando de armas e o fim ilegalidade.

Turquia, que mantém laços estreitos com a KRG, também tem incentivado esse comportamento e até mesmo tratado KRG como um governo nacional por ter contatos diplomáticos sem consultar o governo iraquiano em Bagdá. Os líderes do Governo Regional do Curdistão também estão permitindo que o seu país para ser usado como uma base de operação do Mossad contra a Síria e o Irã.

Ironicamente, a Turquia já avisou que vai tomar uma ação militar contra os separatistas curdos na Síria, enquanto Ancara está apoiando tendências separatistas entre os KRG e a divisão da Síria. Além de criar tensões entre os governos turco e iraquiano, o que teve conseqüências na Turquia. O Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) começou a remobilizar. O PKK afirmou que ele está no controle do distrito de Semdinli (Semzinan) na Província de Hakkari Turquia e a luta eclodiu no sudeste da Turquia.

Vítimas já começaram a surgir as tropas turcas e forças de segurança começaram a ataques indiscriminados. A lei marcial foi também declarado ena Província Hakkari de acordo com a imprensa turca. A própria Turquia enfrenta agora a sua própria luta contra as forças anti-governamentais como parece incapaz de governar seu próprio território. Um deputado da oposição turca do Partido Popular Republicano também foi seqüestrado por PKK. Primeiro-ministro turco Erdogan tentou culpar a Síria para lutar que entrou em erupção em áreas curdas da Turquia, mas ele omite o fato de que a violência na Turquia é um resultado direto da interferência turca na Síria. Se eles já não têm, as armas que Erdogan está enviando para a Síria acabará por encontrar o caminho de volta para a Turquia, onde vai ser utilizado por forças anti-governamentais.

Metas de Tel Aviv o Líbano : A Segunda Frente do Levante está aberto?

O caso do ataque ao ônibus turístico israelense na Bulgária é ameaçador para dizer o mínimo. O que é notável sobre o incidente é que Israel culpa o Hezbollah do Líbano e do Irã imediatamente, antes mesmo de uma hora passada após o ataque ou de uma investigação foi conduzida.

O que é digno de nota é que os funcionários apenas algumas semanas antes em Tel Aviv estavam ameaçando atacar o Líbano novamente, dizendo que eles iriam destruir totalmente o Líbano em uma guerra israelo-libanesa terceiro. Os comentários israelenses foram feitas por Halem Hertzzi brigadeiro-general, o comandante da Divisão 91 Tel Aviv, a apenas uma semana antes do sexto aniversário da vitória do Hezbollah contra Israel na guerra de 2006 entre Israel e Líbano. Halem e outros líderes israelenses têm repetidamente ameaçado reduzir a cinzas o Líbano, lançando um ataque total

Aliados da Síria estão a ser pressionados em uma guerra multi-dimensional. Irã, Rússia, Líbano, Iraque, e os palestinos estão sendo colocados sob crescente pressão para abandonar seus aliados sírios. As ameaças israelenses visam colocar pressão psicológica sobre o Líbano e Hezbollah como um meio de expandir os meios de comunicação, psicológicas, econômicas, de inteligência, diplomáticas e de cerco político contra a Síria no Líbano. Sanções dos EUA contra a Síria já estão incorporando o Irã e o Hezbollah e os bancos libaneses têm enfrentado ataques cibernéticos e da pressão de Washington e seus aliados.

Olhando para o horizonte por vir : Bem-vindo ao Arco da América de instabilidade?

O cerco patrocinado pelos EUA à Síria é parte de suas tentativas de dividir a Eurásia e manter sua primazia global como uma superpotência. Washington não tem misericórdia para os seus amigos ou seus inimigos, quer e países como a Turquia e a Arábia Saudita, eventualmente, ser usado como bucha de canhão. Os estrategistas dos Estados Unidos querem que a área que vai de Norte de África e do Oriente Médio para o Cáucaso, Ásia Central e Índia, seja transformada em um buraco negro de conflitos, à la Brzezinski "Eurásia Balcãs."

Os árabes, Irã e Turquia estão se posicionando para um grande conflito, porque os EUA estão perdendo seu status de superpotência. Tudo o que resta do estado de Washington superpotência é o seu poder militar. Para o fim de sua vida relativamente curta, a União Soviética só tinha poder militar também. A União Soviética experimentou agitação social e estava em declínio econômico antes do desabamento. A situação para os EUA não é muito diferente, se não pior. Washington está quebrado, dividido socialmente, tornando-se racialmente polarizado, e declinando rapidamente em sua influência internacional. Elites dos EUA, no entanto, estão determinadas a resistir ao que mais e mais se parece com a perda inevitáveis da condição de seu país de superpotência e seu império.

Acender a Eurásia com fogo e sedição parece ser a resposta de Washington para impedir seu próprio declínio. Os EUA tem planos de iniciar um grande fogo que vai do Marrocos e do Mediterrâneo até as fronteiras da China. Este processo tem sido essencialmente iniciado pelos EUA através da desestabilização de três regiões diferentes: Ásia Central, Oriente Médio e Norte da África. Os primeiros passos que os EUA e seus aliados da OTAN e árabes levaram a fazer isso não começou na Síria.

No Oriente Médio, este processo iniciou-se através do sítio do Iraque que, eventualmente, deu lugar à invasão anglo-americana e a ocupação do país, em 2003. Na Ásia Central, o processo começou com a desestabilização do Afeganistão durante a Guerra Fria e o apoio dos EUA para a luta entre facções diferentes, incluindo o que se tornaria o Taliban; o 11/09 apenas deu aos EUA e seus aliados da OTAN uma oportunidade para invadir. No Norte de África, finalmente os EUA e Israel balcanizaram o Sudão através de anos de pressão e

operações encobertas.

Nas três regiões mencionadas acima estamos vendo a segunda onda de desestabilização agora. Na Ásia Central, a guerra no Afeganistão foi prorrogada para o Paquistão pela OTAN. Isto deu lugar ao termo “AfPak” para descrever o Afeganistão e o Paquistão como um teatro. No Norte da África, a Líbia foi atacada em 2011 pela OTAN e a Jamahiriya foi basicamente dividida por vários grupos. No Oriente Médio, essa segunda onda de operações de desestabilização tem como alvo a República Árabe da Síria como uma continuação do que aconteceu no Iraque.

Washington parece estar sonhando com este cenário: as revoltas curdas que ocorrem na Síria, Turquia, Iraque e Irã; sectárias guerras civis no Iraque consomem, Líbano, Síria, Turquia, lêmen no fogo; instabilidade e combatem ao sangramento Argélia, Egípto, Líbia, Paquistão e Sudão; berberes e árabes lutando entre si através do norte da África; insegurança e incerteza política se espalhando na Ásia Central, uma guerra no Cáucaso Sul na Geórgia que a consome, a Armênia ea República do Azerbaijão; revoltas explodindo entre os balcares, chechenos, circassianos, daguestanis, inguchétios, e outros povos do Cáucaso Norte locais contra a Rússia; o Golfo Pérsico sendo uma zona de instabilidade e Rússia em desacordo com a União Europeia ea Turquia. Tal conflagração está a ser continuamente estimulada por Washington.

Em última análise, tudo isso se destina a perturbar algumas das rotas mundiais de energia principais e suprimentos para ferir os importadores de energia para economias como da China, as grandes potências europeias, Índia, Japão e Coreia do Sul. Isto poderia forçar a União Europeia se tornar mais militarista no desespero para salvar sua economia.

Tal cenário pode ser perigoso para o fornecedor de energia como a Rússia, bem como os estados da OPEP, que teriam que escolher entre a UE e a China, se houver escassez de energia. Uma guerra de recursos - como na I Guerra Mundial - poderia ser inflamada que traria a ruína para uma grande quantidade da África e todas as regiões industrializadas da Eurásia. Isso aconteceria enquanto os EUA estariam no Hemisfério Ocidental, assistindo a uma distância segura, assim como aconteceu durante a Primeira Guerra Mundial e a Segunda Guerra Mundial, antes que os passos para pegar as peças como o benfeitor econômico de um guerra devastadora.

*Um autor premiado e analista geopolítico, **Mahdi Darius Nazemroaya** é o autor de A globalização da OTAN (Clarity Press) e um próximo livro A guerra contra a Líbia e a re-colonização da África. Ele também contribuiu para vários outros livros que vão desde crítica cultural das relações internacionais. Ele é um sociólogo e pesquisador associado do Centro de Investigação sobre a Globalização (CRG), um colaborador no Estratégico Fundação de Cultura (SCF), Moscou, e um membro do Comité Científico de Geopolítica, Itália. Ele também abordou o Oriente Médio e as questões das relações internacionais nas redes de televisão várias notícias, incluindo Al Jazeera, a Telesur, e Russia Today. Seus escritos foram traduzidos em mais de vinte línguas. Em 2011 ele foi premiado com o Primeiro Prêmio Nacional do Clube de Imprensa mexicana por seu trabalho no jornalismo investigativo internacional.*

Tradução do texto: Daniel Lucas

The original source of this article is Un Novo Despertar

Copyright © [Mahdi Darius Nazemroaya](#), Un Novo Despertar, 2012

[Comment on Global Research Articles on our Facebook page](#)

Become a Member of Global Research

Articles by: **Mahdi Darius Nazemroaya**

About the author:

An award-winning author and geopolitical analyst, Mahdi Darius Nazemroaya is the author of *The Globalization of NATO* (Clarity Press) and a forthcoming book *The War on Libya and the Re-Colonization of Africa*. He has also contributed to several other books ranging from cultural critique to international relations. He is a Sociologist and Research Associate at the Centre for Research on Globalization (CRG), a contributor at the Strategic Culture Foundation (SCF), Moscow, and a member of the Scientific Committee of Geopolitica, Italy.

Disclaimer: The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca

www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca